





## Em busca de encontros

Por Renan Ji1

A peça *Grito de partida*, da Cia. da Entropia, com direção de Imara Reis, celebra o teatro de Gianfrancesco Guarnieri, mais especificamente as chamadas peças de ocasião. Escritas no auge da censura e da truculência do regime militar, são peças alegóricas que passaram pelo crivo dos censores, mas cujo teor se referia ao momento político de forte repressão e violência. *Um grito parado no ar* (1972), *Botequim* (1972) e *Ponto de Partida* (1976) apresentam subterfúgios ficcionais que devem ser lidos como signos de outras mensagens. Nessa perspectiva, quanto mais repressivo o contexto, mais artificiosa (e artificial) as metáforas e a estrutura alegórica do texto.

Em *Ponto de partida*, por exemplo, esse aspecto fica claro não apenas no texto de Guarnieri, mas na própria montagem da Cia. da Entropia: atuações solenes, texto rebuscado afetando uma suposta linguagem de época, dando forma à temporalidade imprecisa de uma vila medieval. A alegoria se constitui no entrecruzamento de diversos signos que remetem a aspectos da realidade política imediata. Caso o/a espectador/a busque amarrar todos os sentidos numa única leitura, as alegorias passam a formar uma espécie de fábula ou parábola, cujo sentido unificado assume ares moralizantes.

O texto em questão de Guarnieri, a meu ver, não atinge o terreno da fábula/parábola, porém suas alegorias remetem claramente a comportamentos sociais e posturas políticas bem definidas. O assassinato do poeta Birdo, manipulado pelas autoridades para ser julgado como um suicídio, diante da apatia de seu pai (Ainon) e re-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua como crítico de teatro desde 2011, participando de festivais nacionais e internacionais em São Paulo (MITSp), Wroclaw (Theatre Olympics, Polônia) e Wuzhen (Wuzhen Theatre Festival, China). É membro da Questão de Crítica, revista eletrônica de críticas e estudos teatrais.

volta de sua amante (Maíra), é a denúncia figurativa do assassinato do jornalista Vladimir Herzog. É importante notar a relação entre a urgência da denúncia e a clareza ideológica da peça alegórica: conforme mencionado no próprio debate pós-apresentação, os personagens são tipos que encarnam posturas diante de um assassinato. Birdo é Herzog, Maíra é a busca por justiça, já Ainon a apatia da população, e assim por diante.

Trazidas ao palco pela Cia. da Entropia hoje, podemos pensar como essas alegorias podem iluminar aspectos dos nossos dilemas sociopolíticos. Como essa dramaturgia pode se conectar de maneira convivial com a nossa realidade, nós que estamos vivendo as consequências de desgovernos e pandemias? Conforme muito bem pontuado pela atriz B. R. Gabs falando do processo de criação da peça, Birdo/Herzog foi "suicidado" assim como muitos o foram pelo coronavírus e pelo descaso das políticas públicas de saúde do atual governo. Porém, a vila medieval de Guarnieri é um microcosmo que se reportava a condições muito específicas daquele momento político dos anos 70. Devido à censura, as alegorias e as parábolas eram uma das poucas formas de acessar o grave assassinato de Herzog. Mas como acessar o que nós estamos sofrendo hoje, dentro das possibilidades do nosso tempo?

É necessário lembrar que a Cia. da Entropia traz à cena apenas fragmentos de *Ponto de partida*, entremeados à narrativa de um grupo de atores e atrizes que tenta montar essa peça de Guarnieri. Sem a presença de um diretor, esse grupo tateia em busca do sentido de montar Guarnieri, ou até mesmo o sentido de fazer teatro. As suas vivências são precisamente aquilo que coloca em tensão as alegorias do passado (em Guarnieri) com as do (nosso) presente. Os fragmentos de *Ponto de partida* são trabalhados de modo a formar um jogo entre as temporalidades, e esse parece ser o lugar no qual o espetáculo *Grito de partida* se abre para nós, plateia de hoje.

Porém, a dramaturgia opta por aludir a vivências de outra peça de Guarnieri: *Um grito parado no ar.* Nessa outra peça de ocasião, um grupo de atores e atrizes enfrenta o desafio de montar um espetáculo enfrentando a falta de recursos e a censura. A metalinguagem e os bastidores do teatro surgiam para mostrar de forma visceral o que era ser artista no período mais duro da ditadura militar. Assim, a realidade e a condição do grupo de teatro que vemos na cena passa então pelo filtro de *Um grito parado no ar.* 

Mesmo que haja referências a editais de cultura, redes sociais e problemas contemporâneos, vemos que são citações em falas dos personagens, resultando em

diagnósticos rápidos e genéricos sobre nosso tempo. As dinâmicas do grupo de teatro, por outro lado, parecem ainda reverberar discussões dos anos 70, como a liberdade sexual, o dilema arte e mercado e a morte do teatro. Clichês da sala de ensaios são misturados a reflexões anedóticas sobre a realidade social, assumindo a forma dramatúrgica de uma espécie de comentário vindo de 1972 à realidade atual, sem uma problematização e reflexão cênicas que postule os dilemas de agora.

Afinal, há uma razão para não montar *Ponto de partida* por inteiro. A estratégia de fragmentação dessa peça alegórica partilha da consciência de que a história não se repete de forma idêntica. Os dilemas e denúncias de um assassinato brutal dos anos 70 são ruínas ou sementes de um poder que atualmente assume novas configurações. Com efeito, esses fragmentos de *Ponto de partida* podem ser pensados como fantasmas do passado: eles nos lembram de que os feitos totalitários da década de 70 podem retornar por novas vias.

É na estratégia de fragmentação e nos embates desse grupo de atores que a peça encontra seu lugar no tempo. Porém, a inspiração em *Um grito parado no ar* parece ter criado um véu que dificultou a abertura do espetáculo ao convívio com o hoje. Minha sensação foi de ter visto uma máscara sobre os rostos de B. R. Gabs, Carlos Cesare, Carlos Rosa, Rafael Chamusca e Simone Sobreda. O expediente metalinguístico de se inspirar em *Um grito parado no ar*, nesse sentido, realizou algo similar a uma das situações iniciais da peça da Cia. da Entropia: em detrimento da luz branca que desnuda tudo, os/as artistas optaram por uma iluminação que desse outro "clima". Esse "clima" diluiu e deixou latentes inúmeras possibilidades dramatúrgicas, restringindo bastante o encontro na cena, tão enaltecido na canção de Sérgio Ricardo: "o encontro como chegada e como ponto de partida". O clima criou uma fantasmagoria: vi Guarnieri comentando o teatro e a realidade política de hoje.

Ao contrário do que diz a personagem Beatriz, nem sempre a luz branca "é feia e triste". Acho que ela inclusive me fez observar coisas interessantes. Ainda no teatro, à espera do debate de mediação, observando as confraternizações após o espetáculo, pude perceber o quanto os cinco atores e atrizes da peça da Entropia possuem uma relação vital com a cena da cidade. Vi uma esfera de convívio formada por eles e a comunidade de trabalhadores da cultura, atores e atrizes em formação, professores de teatro e de diversas áreas etc. É nessa esfera vital que se instauram as questões candentes: o que aprender com Guarnieri hoje? Como ser artista e fazer política

em São José dos Campos e no Brasil? Questões essas que ficaram à espera de um encontro com as plateias de hoje.